

XXIX

O QUINHÃO DO DISCÍPULO

Cercado de potências angélicas, o Mestre dos mestres recebia a longa fileira de almas necessitadas, a chegarem da Terra, trazidas pelas asas veludas do sono.

Rogativas particulares sucediam-se ininterruptas. E o Divino Dispensador as acolhia afavelmente. Para as solicitações mais disparatadas, oferecia a ternura do benfeitor e o sorriso do sábio. Jovens e velhos, adultos e crianças eram admitidos à Augusta Presença, um a um, expondo cada qual sua necessidade e sua esperança.

— Senhor — implorava carinhosa mãe, de olhos súplices —, meus filhos aguardam-te a complacência vigilante!

E prosseguia, aflita, enumerando intrincados problemas domésticos, destacando projetos para o futuro, na experiência carnal.

O Mestre ouviu e recomendou aos cooperadores atendessem a súplica, na primeira oportunidade.

Seguiu-se-lhe linda jovem que rogou, ansiosa:

— Oh! Jesus, atende-me! socorre meu noivo que sucumbe... Livra-o da morte, por piedade! sem ele, não viverei!...

O Benfeitor Divino ouviu, atento, e ordenou que os emissários restituíssem o dom da saúde física ao doente grave.

Logo após, entrou velho e simpático lavrador, de gestos confiantes, que se prosternou, suplicando:

— Doador da Vida, abençoa meu campo! Peço-te! Amo profundamente a terra que me confiaste. E' o celeiro do meu pão, recreio de meus olhos, esperança de minha velhice!...

O Pastor Divino sorriu para ele, abençoou-o, afetuosamente, e determinou aos auxiliares santificassem o ritmo das estações sobre o campo daquele trabalhador devotado, para que ali houvesse flores e frutos abundantes.

Em seguida, cavaleiro respeitável penetrou o recinto de luz, evidenciando nobre posição intelectual e solicitou, reverente:

— Protetor dos Necessitados, o ideal de realizar algo de útil na Terra inflama-me o espírito... Dá-me possibilidades materiais, concede-me a temporária mordomia de teus infinitos bens! Quero combater o pauperismo, a fome, a nudez, entre os homens encarnados... Auxilia-me por compaixão!

O Embaixador do Sumo Bem contemplou-o, satisfeito, aquiesceu com palavras de estímulo e designou adjuntos para a articulação de providências, quanto à satisfação do pedido.

Minutos depois, entrou um filósofo que implorou:

— Sábio dos sábios, dá-me inspiração para renovar a cultura terrestre!...

O Cristo aprovou a petição, concedendo-lhe vasto séquito de instrutores.

E a legião dos suplicantes prosseguiu sempre, movimentada e feliz, valendo-se da visita providencial do Celeste Benfeitor às sombrias fronteiras da carne. Jesus atendia sempre, ministrando incentivos e alegrias, graças e consolações, determinando medidas aos assessores diretos.

Em dado instante, porém, o círculo foi penetrado por um homem diferente. Seu olhar lúcido falava de profunda sede interior, seus gestos respeitosos traduziam confiança e veneração imensas.

Ajoelhou-se, humilde, estendeu os braços para o Emissário do Eterno Pai e, ao contrário de quantos lhe haviam precedido na súplica, explicou-se com simplicidade:

— Senhor, eu sei que sempre dás, conforme nossos rogos.

Ante a estupefação geral, continuou:

— Há quase vinte séculos, ensinaste-nos que o homem achará o que procura e receberá o que pede...

O Divino Orientador ouvia, comovido, enquanto os demais seguiam a cena com admiração.

O visitante reverente deixou cair lágrimas sinceras e prosseguiu:

— Vezes inúmeras, tenho lidado com o desejo e a posse, com a esperança e a realização, nos círculos transitórios da existência carnal. Estou pronto para cumprir-te os desígnios superiores, seja onde for, quando e como quiseres, mas, se permitem, rogo-te luz divina do teu coração para o meu coração, paz, alegria e vigor imortais de tua alma para minhalma!... Quero seguir-te, enfim!...

Com doçura admirável, o Mestre tocou-lhe a fronte e indagou:

— Queres ser meu discípulo?

— Sim! — respondeu o aspirante da luz.

Calou-se o Cristo. Verificando-se intervalo mais longo, e considerando que todos os pedintes haviam recebido gratificações e júbilos imediatos, o aprendiz perguntou:

— Que me reservas, Senhor?

O Doador das Bênçãos contemplou-o com ternura e informou:

— Volta ao campo de teus deveres. Entender-me-ei contigo diretamente.

E depois de um silêncio, que ninguém ousou interromper, o Mestre concluiu:

— Reservar-te-ei a lição.

XXX

O AMIGO CHAVES

Logo após a desencarnação de Belmiro Chaves, os companheiros do grupo efetuaram verdadeira consagração à memória dele.

Sem dúvida, fora excelente pai de família, generoso amigo e abnegado irmão.

Desde o instante em que se aproximou do Espiritismo evangélico, convertera-se em vigilante sustentáculo dos sofredores. Não obstante a condição de alfaiate humilde e sem reservas materiais, conquistara a confiança e a amizade de todos.

Integrava o quadro de médiuns curadores da casa e, em razão disso, o seu afastamento trouxera incalculável pesar. Retirava-se com ele vigorosa coluna do serviço cristão.

O louvável colaborador, contudo, se era realmente bondoso e devotado à Doutrina, não havia ainda logrado alcançar realizações espirituais decisivas em si próprio. Precisaria esforçar-se muitíssimo para desenvolver com a amplitude desejável as qualidades santificadoras que assinalam os pioneiros da elevação. Por haver estudado o Evangelho, durante alguns anos, na Terra, não se exonerara dos grandes e indiscutíveis deveres referentes à suprema edificação interior da alma para a vida eterna. Qual ocorre à maioria dos desencarnados, em posição mais digna, Chaves necessitava intensificar os valores evolutivos e consolidar o aprendizado e a iniciação com Jesus, através de experiências e obrigações novas.

Os companheiros que ficavam na carne, todavia, deixavam perceber enorme desconhecimento quanto a semelhante imperativo da Natureza.